

Há expectativa para o acordo

do Financial Times

Há esperança no Brasil de que o governo ainda possa ser capaz de negociar um incomum acordo substituto da dívida com o Fundo Monetário Internacional, mas continuam existindo obstáculos significativos, disseram ontem banqueiros e funcionários monetários.

A perspectiva de um acordo interino de seis a nove meses de duração foi suscitado pelo embaixador brasileiro em Washington, Marcilio Marques Moreira, ao falar com os jornalistas em Brasília.

Semelhante acordo ajudaria o Brasil a efetuar o

pagamento de juros de US\$ 2,3 bilhões devidos a bancos comerciais em setembro. Entretanto, os credores de fora do País disseram que não estavam otimistas quanto a um possível acordo, e que acreditavam que seria necessária a introdução de mudanças nas políticas brasileiras antes que isto fosse possível.

Contatos mantidos com Michel Camdessus, o gerente-geral do Fundo, sugeriram que ele estava preparado para estudar "várias fórmulas" para um acordo, disse o embaixador.

Até recentemente, a

maioria dos analistas da dívida brasileira acreditava que o governo havia simplesmente abandonado a esperança de um acordo e que, em vez disso, estava tentando aliviar o impacto negativo de uma moratória de fato, mantendo um diálogo com credores.

Semelhante acordo implicaria de alguma forma passar ao largo da barreira criada pelo não cumprimento brasileiro das metas para a economia, que atualmente registra uma inflação mensal em torno de 30%. Sob o acordo de reestruturação da dívida do ano passado, o País comprometeu-se a reduzir

seu déficit do setor público a 2% do Produto Interno Bruto. Funcionários do Ministério da Fazenda admitem agora que o déficit provável deste ano excederá os 5% do PIB.

Apesar deste obstáculo, os diplomatas estrangeiros em Brasília sugeriram que o FMI parece disposto a demonstrar uma maior flexibilidade.

Desconhece-se se um acordo seria suficientemente aceitável para os credores liberarem uma cifra substancial de novos fundos, em particular US\$ 1,5 bilhão destinado pelo chamado Fundo Nakasone, do Japão.